

# RAÇA E MERCADO

2020

## ENCONTRO

Ressignificação, Reinvenção  
& Retomada pós COVID-19

13 de maio de 2020

Realização



DIASPORA ● BLACK

F E R A  
P R E T A

 **FGV EAESP**  
CENTRO DE  
EMPREENDEDORISMO  
E NOVOS NEGÓCIOS

 **FGV EAESP**  
COORDENADORIA DE  
DIVERSIDADE

# Ressignificação, Reinvenção & Retomada pós COVID-19



**Carlos Machado**

USP

**Noel Carvalho**

UNICAMP



**Lara Borges**

Desabafo Social



**Samuel Gomes**

Agência Resposta



**Breno Barlach**

Plano CDE



**Sil Bahia**

Olabi / Preta Lab



**No dia 13 de maio o fórum Raça e Mercado** reuniu empreendedoras negras e empreendedores negros, acadêmicos, pesquisadores e representantes de grandes empresas para discutir as perspectivas do empreendedorismo negro após a crise causada pelo COVID-19.

O evento, inteiramente online, foi composto por três painéis simultâneos divididos tematicamente em ressignificação, reinvenção e retomada. Em cada sala os palestrantes compartilharam com os participantes suas experiências e conhecimento em discussões que articularam passado, presente e futuro da população negra brasileira e as implicações para o empreendedorismo negro.

Neste encontro tivemos a participação de Lara Borges, jornalista e mestre em sociologia pela UFPA; Samuel Gomes, motion designer e escritor; Carlos Machado, professor, escritor e mestre em história social pela USP; Noel Carvalho, professor, pesquisador e doutor em sociologia pela USP; Sil Bahia, co-diretora do Olabi, pesquisadora e mestre em cultura e territorialidade pela UFF; e Breno Barlach, sócio diretor da consultoria Plano CDE, cientista político e sociólogo pela USP

Para Noel Carvalho, a ausência do negro e da representação na população negra no setor audiovisual, começa a mudar na década de 90, por conta de alguns realizadores negros e de alguns diretores de cinema brancos. A universidade também teve um papel relevante, pautando esse tema no campo acadêmico. A partir de pesquisas acadêmicas a questão do negro foi colocada para se repensar o cinema brasileiro.

As políticas públicas de ações afirmativas – cotas para negros nas universidades – e o surgimento de uma classe média negra influenciaram a reflexão e aprofundamento da pauta racial nas universidades e no cinema.

**Uma pesquisa quantitativa realizada pelo coletivo GEMAA - UERJ sobre a representatividade da população negra no cinema** reuniu informações de 250 filmes comerciais brasileiros lançados entre os anos de 1995 e 2018 destacando o número de negros/as em posições de produção, roteirista, diretores e atores evidencia o déficit representativo da população negra no meio audiovisual. Nesse período, nenhuma mulher negra esteve presente nessas produções e apenas 4% das mulheres que participaram desses filmes como elenco eram negras. Já os homens negros representavam apenas 2% dos diretores.

Carvalho defendeu a ideia de que inovação no meio audiovisual brasileiro reside em pensar o negro no cinema não só enquanto tema, mas por meio da sua presença na produção de filmes.

A pandemia de COVID-19 tem trazido impactos negativos à cadeia de produção da área do audiovisual, um setor que emprega muita gente no Brasil. Vale lembrar que a indústria de autopeças emprega menos que a cadeia do audiovisual (cinema, TV, publicidade e mídias digitais). Neste momento a produção se encontra bloqueada e as salas de cinema fechadas.

Partimos de um contexto ruim no cinema, pois os negros não estão produzindo, não fazem parte da cadeia produtiva do mainstream e não estão em cargos de liderança nesse setor. Por outro lado, há muitos negros e negras atuando na cadeia de produção como fotógrafas/os, assistentes, iluminadores/as, dentre outras áreas de base.

O governo Bolsonaro tem contribuído para uma desconstrução das econômicas vinculadas a área da cultura. É no poder que se traz as transformações, na política grande, nos lugares de decisão, no governo federal, nas cúpulas dos partidos. Precisamos ocupar os espaços decisórios, nas áreas de cultura, tecnologia e inovação, mas no governo federal.

A questão que fica é: como pensar em formas de distribuição audiovisual no cenário da pandemia de Covid-19? A resposta a essa pergunta deve ser formulada pensando nas dificuldades de produção neste período e na distribuição como possibilidade de gerar valor simbólico e econômico.

Na percepção de Carlos Machado, na periferia poucas pessoas estão preocupadas com a pandemia de COVID-19. Entretanto, tanto no Brasil como nos EUA a população negra é a mais vulnerável e que está sendo mais impactada pela pandemia.

O capitalismo não vai acabar, mas vai se transformar dentro dessa nova realidade em que a hegemonia branca também não terá fim. A supremacia branca está até hoje no controle de tudo. O que de fato os negros conseguiram conquistar até hoje foi fruto do trabalho de famílias e comunidades que foram mobilizadas e contribuíram para a nossa construção. Isso partiu do esforço individual e coletivo e, na maior parte das vezes, sem a participação ou ajuda do Estado.

Assim sendo, as mudanças que os negros têm vivido se devem especificamente aos esforços da própria população negra e só conseguiremos mudar a realidade atual com a consciência da história.



A contribuição dos negros está para além da influência cultural, mas em todas as áreas do conhecimento. Precisamos acessar o conhecimento dessa outra narrativa no sentido de aumentar a autoestima da população negra. Os negros são descendentes do primeiro povo que habitou o mundo, a produzir conhecimento, saúde pública, psicologia, agricultura pecuária, construção civil, arquitetura, filosofia e espiritualidade.

A agência do povo negro brasileiro que não é ensinada na escola começou a vir a público pela redescoberta de organizações históricas como a Frente Negra Brasileira nos anos 1930 e com as ações de organizações contemporâneas como Central Única das Favelas (CUFA) – essas histórias e ações precisam ser conhecidas pela população. Precisamos aprender que negros não são inferiores e isso não tem fundamentação na ciência. Foi construída uma ordem mundial em que apenas pessoas brancas tinham proeminência na ciência, na tecnologia e na religião. Não há como pensar em libertação do povo negro se não ensinarmos as histórias que colocam o povo negro como protagonista.

O Haiti é o país mais pobre da América, mas foi o primeiro das Américas que conseguiu se libertar do jugo colonial, algo que não aprendemos na escola. Assim como a Etiópia, o Haiti foi o único país de população majoritariamente negra que venceu uma nação europeia. Povos que tiveram que pegar em armas para mudar a sua realidade política e social. Esse é um dos caminhos, mas precisamos saber sobre tipos de fontes confiáveis que nos ajudem a conhecer a história. O fim da escravidão no Brasil foi o fim da monarquia que durou 63 anos e nesse período não houve nenhuma política para acabar com o trabalho forçado de africanos e indígenas, sendo a base de sustentação do capitalismo moderno, para que homens brancos e mulheres brancas tivessem liberdade. Precisamos reconhecer a potência da população negra. A Equidade não é dada, precisa ser conquistada.

Há muitas invenções pretas. O tempo foi criado por negros no continente africano. A escrita, a filosofia, a matemática, papel uso da tinta, a carroça que deu origem ao automóvel, a agricultura, a arquitetura, diversos alimentos são de origem africana, a química, a produção de vidro, os papiros usados pelos médicos. As artes marciais, o casamento, a primeira união entre pessoas do mesmo sexo foi vista na Kemet Terra Preta (Egito), a maquiagem, a escova e pasta de dente. Táticas militares, a ideia espiritual da Imaculada Conceição antes de existir a Virgem Maria, os tribunais de justiça, a democracia, a publicidade, o teatro e a circuncisão. Escola de ensino superior, a indústria da moda, a cerveja, as vinícolas, a greve e até vacinas. Muitas inovações criadas pela população negra.

Amparado por dados de pesquisas realizadas pelo Plano CDE, Breno Barlach revisitou alguns achados que são de extrema relevância para que um plano de retomada pós pandemia de Covid-19 seja traçado . Em suma, três pontos importantes são destacados por ele: a importância das redes de apoio; o acesso ao crédito e boas políticas públicas.

**Na pesquisa apresentada pelo CDE sobre o perfil do empreendedor negro** ↗, três perfis foram identificados: empreendedor por necessidade; empreendedor por vocação e empreendedor engajado. Nesse momento de crise, o perfil por necessidade é o grupo de empreendedor com maior risco de perder o negócio e consecutivamente a única renda da família. Esse grupo de empreendedores corresponde a quase 30% dos empreendedores negros da amostra e inclui os empreendedores com menos capital, menos acesso a crédito e não praticante das redes de apoio.

As características que compõem o perfil do empreendedor negro são de extrema relevância nesse momento de crise. Fazer parte de uma rede de apoio e ter acesso ao crédito são essenciais para que o empreendedor consiga garantir a retomada de seus negócios. O primeiro é fonte de contato, apoio e referências que oferece ajuda estrutural, financeira e psicológica. Já o segundo é nitidamente necessário para subsidiar financeiramente os negócios, especialmente em momentos de crise.

O acesso ao crédito é historicamente negado à faixa da população de baixa renda. Breno também apresentou alguns números que ilustram o impacto da pandemia para as classes D e E. Constatou-se que 70% ficaram endividados já no primeiro mês de crise, seja por contas de necessidades básicas (luz, água, gás, etc.) atrasadas ou através do cartão de crédito (um dos créditos com as taxas de juros mais altas). Aqueles que conseguem auxílio financeiro recorrem aos familiares e amigos na ausência de acesso a crédito bancário. Esse panorama, apesar de ter limitações, pode ser generalizado para a população negra que compõe grande parte das classes menos favorecidas. Adicionalmente, é sabido que em diversas instituições financeiras os critérios para concessão de crédito são baseados em algoritmos que possuem tendências seletivas e impactam diretamente os empreendedores negros.

Igualmente importante nesse momento de crise são as políticas públicas. Apesar de existentes, essas precisam ser melhor planejadas de modo que atendam às necessidades daqueles que mais precisam. Um exemplo citado por Breno foi um dos auxílios ofertados pelo governo federal que tem como forte condicionante o uso de aplicativos, ignorando o fato que mais de 30% da população brasileira não tem acesso à internet. Certamente, a população mais carente e que mais precisa desses recursos.

Pensando na esfera tecnológica, Sil Bahia (Olabi/PretaLab) reforçou o quanto a população mais carente, em sua grande parte negra, é excluída pela tecnologia. Sil começou propondo questões que nos levam a refletir o quanto a tecnologia que temos hoje é racista. Quantos empresários negros de tecnologia existem? O quanto questionamos as tecnologias que nos são impostas? Quantas dessas tecnologias apresentam “códigos” racistas? Para essa última questão diversas tecnologias demonstram não serem adaptadas para particularidades raciais que não os brancos.

A reflexão proposta por Sil vai além do simples acesso à internet. A retomada do empreendedor negro depende de medidas bem planejadas e sistematizadas. É preciso estarmos conscientes que os avanços tecnológicos acirram cada vez mais as desigualdades sociais e conseqüentemente as raciais. E esse processo foi vertiginosamente acelerado com a crise da pandemia. Agir de modo que o empreendedor negro se aproprie cada vez mais de tecnologias se tornou imprescindível nesse contexto.

Para Sil alguns passos são importantes para sobrepor as dificuldades históricas e trilhar para um caminho de retomada. É necessário educar e letrar digitalmente os empreendedores, não somente com o uso de ferramentas básicas, mas com conhecimento mais aprofundado de codificação. Essas medidas tendem a reduzir a lacuna de formação que hoje é extremamente evidente. Outro ponto é buscar e destacar as referências negras existentes no mundo da tecnologia, compartilhando o conhecimento em rede onde um fortalece o outro. Nesse sentido, é importante implementar práticas que incentivem a aproximação da população segregada às tecnologias existentes.

Já é de conhecimento de muitos que a população negra brasileira é amplamente afetada por diversos problemas institucionais. Negros e negras têm menos acesso à educação, estão mais suscetíveis à violência e possuem menos chances de alcançarem espaços de poder e tomada de decisão, seja em setores públicos ou privados. Esses desafios estruturais já eram barreiras de difícil transposição em condições pré-pandemia, e agora jogam contra a sobrevivência dos negócios liderados por empreendedores negros e negras.

Nesse momento de resignificação e retomada dos negócios esses empreendedores ainda precisam enfrentar os velhos desafios estruturais, para isso é essencial que se forme um ecossistema de apoio que auxilie a redução da lacuna que separa a população negra da população branca. É primordial que esses negócios tenham acesso às tecnologias e ao crédito de modo que possam se reinventar e serem competitivos em um ambiente pós-pandemia ainda mais complexo.



# RAÇA & MERCADO

## RELATÓRIO RAÇA E MERCADO

13 DE MAIO DE 2020

:: PABLO LEÃO

:: EDGARD BARKI

:: MÁRCIO MACEDO

FGVcenn - CENTRO DE EMPREENDEDORISMO  
E NOVOS NEGÓCIOS

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS / EAESP